

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
SUSTENTÁVEL – IPADES**

UM SÉCULO DE PARAÍSO PERDIDO

Emeleocípio Andrade

Diretor Técnico – FUNAGRI

Há exatos cem anos, por uma displicente imprevidência dos coronéis seringalistas regionais, e a esperteza de um astuto e aventureiro súdito de sua majestade a rainha da Inglaterra, a próspera e esplendorosa economia amazônica, com base no comércio da borracha, entrava em crise.

Com o apogeu da “era vitoriana”, a Inglaterra estava preocupada com o suprimento de borracha para atender as necessidades da florescente e pulsante indústria britânica e europeia, mas, sobretudo, com a possibilidade de lucros crescentes com a implantação de um plantio racional de *Hevea* para atender o ávido mercado norte-americano. Havia também restrições com a forma predatória como era praticada a extração de látex nos seringais amazônicos. Principalmente no processo de obtenção de látex do caucho (*Castilloa ulei*), onde a árvore era derrubada, sendo possível uma única coleta de 45 kg de látex, contra os 1,3kg da árvore em sangria normal, em plantas de seringueira (*Hevea brasiliensis*) (EMMI, 1985).

Em poucos anos, a partir de 1850, as exportações de borracha da região amazônica foi se elevando gradativamente. Em 1910 o consumo mundial de borracha atingia a um pico de 110.000 toneladas. A região amazônica representava uma oferta de 60%, o continente africano 25%, o restante era fornecido pelo México. A produção de borracha da Amazônia atingia 65.600 toneladas.

A partir de 1870, o governo britânico concentrou seus esforços na obtenção de sementes de seringueiras e tentar seu cultivo em suas colônias asiáticas, como já havia feito com o cacau, chá e cinchona. Em 1876, o cidadão inglês Henry Alexander Wickham transportou, com certa facilidade (e com consentimento de autoridades portuárias brasileiras), uma expressiva quantidade de 70 mil sementes de seringueiras oriundas de seringais localizados no município de Santarém. Os brasileiros desdenhavam esse esforço,

pois acreditavam que a seringueira era incapaz de crescer em outro local diferente da Amazônia (GOVERNO DO PARÁ, 1909; WOLF, 1936 e DEAN, 1989).

O curador do Royal Botanical Garden, em Kew, nos arredores de Londres, o professor Joseph Hooker recebeu com incontido júbilo as sementes trazidas por Wickham e as plantou com especial carinho nos viveiros do Kew Garden. Após estudos científicos intensivos e detalhados sobre o comportamento dessas plantas de seringueiras, as mudas foram encaminhadas para suas colônias em Selang, no oeste da Malásia, e duas plantações foram estabelecidas (GRANDIN, 2010).

Em 1896, chegava a Londres o primeiro carregamento de 3.140 toneladas de borracha malaia. Eram mantas de borracha de aparência clara e de cor âmbar. Em 1907 os britânicos possuíam mais de 10 milhões de pés plantados no Ceilão e Malásia, ocupando uma área de 120.000 hectares. Essa plantação, com a tecnologia da época, era capaz de ofertar 70.000 toneladas de borracha, dentro de seis anos. Imediatamente os holandeses imitaram a iniciativa exitosa e estabeleceram suas plantações em Java e Sumatra.

Em torno de 1910, a queda dos preços aturdiu os governantes e coronéis que haviam enriquecido com a goma elástica, e erigiram duas metrópoles opulentas: Belém e Manaus que, neste período, rivalizavam em poder econômico com as grandes cidades do sul do País: Rio de Janeiro e São Paulo. Em certa época Manaus chegou a se distinguir como a cidade que mais comprava diamantes no mundo. Mesmo em 1909, quando os plantios asiáticos ofertavam 35% da borracha comercializada no mundo, os comerciantes da Amazônia teimavam em descreer do êxito dos plantios extra-amazônicos e apostavam em uma breve derrocada das plantações.

Em 1913 estava declarada a falência dos seringais amazônicos, que não podiam competir com os plantios racionais dos seringais asiáticos. Em 1932, os plantios racionais do sudeste asiático eram responsáveis por 98% da oferta dos quase um milhão de toneladas de borracha demandados pela indústria mundial. Em 1941, somente a Ford Motors Company demandava 20.000 toneladas de borracha.

A expansão do mercado da borracha se beneficiou da vulcanização – processo onde a borracha, em reação com o enxofre, sob temperatura elevada lhe permite uma uniforme e constante elasticidade, em qualquer tipo de temperatura. Com essa qualidade a borracha passou a ter um valor comercial e industrial extraordinário, indo, seu uso, muito além daquele de simplesmente apagar os erros dos escritos a lápis (DEAN, 1989).

A utilidade desse artefato no recobrimento das rodas dos veículos, que com a nascente e florescente indústria automobilística e de bicicletas, possibilitava maior

durabilidade e conforto aos usuários, possibilitou o surgimento da indústria para a fabricação de pneus, e outros artefatos, a qual se tornou uma atividade extremamente demandante de borracha.

A iniciativa concreta para a plantação de borracha na Amazônia não partiu de qualquer empresário regional, mas de outro Henry. Este era norte-americano, com propósitos comerciais, e estava com receio de depender da borracha importada originária, agora, de local extremamente vulnerável a uma calamidade bélica de grandes proporções. Esse mega-empresário da indústria automobilística de Detroit (USA) era Henry Ford, o todo poderoso dono da Ford Motors Company. Em 1927, ele, ao adquirir, do Governo do Pará, de forma pouco ortodoxa e benevolente, quase um e meio milhão de hectares de terras no município de Santarém, tencionava plantar um milhão de hectares de seringueiras. Em dois locais, hoje conhecidos como Fordlândia e Belterra, o visionário e poderoso magnata americano pretendia recuperar a hegemonia da oferta de borracha para Amazônia, em um processo completamente diferente daquele utilizado nos seringais nativos. As plantações de seringueiras, no Pará, funcionariam como uma fábrica de Detroit (GRANDIN, 2010).

Mais uma vez a empreitada foi frustrante. Embora o dono da Ford Motor Company fosse um empresário de sucesso, ele era um industrial do mundo das máquinas. A agricultura em região indômita e completamente desconhecida necessitava dos mesmos cuidados em estudos e pesquisa que a Inglaterra efetivou para seus plantios de seringueira na Ásia. Após 18 anos de esforços e alguns milhões de dólares perdulariamente esbanjados, os plantios de Henry Ford foram transferidos ao governo brasileiro. O diretor do Instituto Agrônomo do Norte, o agrônomo Felisberto Camargo, que recebeu o espólio da malfadada proeza amazônica, estabeleceu em seu relatório às Nações Unidas: *“Os plantios de seringueira em Fordlândia eram um grande fracasso devido à total ignorância e à recusa em testar as teorias por meio de experiências científicas”*. Embora, mais adiante, reconhecesse e elogiava *“a importância do ‘duplo enxerto’ como uma lição de ciência aplicada é uma prova da capacidade humana em face de uma tarefa difícil e mal compreendida na maior de todas as escalas”* (CAMARGO, 1946).

A partir de 1939, com a criação do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), com a criação da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), em 1945 e do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), em 1951, um grande esforço foi concentrado para recuperar o prestígio da Amazônia na produção de borracha. Tudo em vão. Em maio de 1951 chegava no porto de Santos o primeiro carregamento de borracha para suprir a necessidade da indústria brasileira.

Em 1961, o governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, em convênio com o IAN e recursos do Projeto ETA-54, iniciou, no município de Itacoatiara, um plantio de 500 hectares

de seringueiras com toda a tecnologia existente na época. Com a deposição do governador, em 1964, o projeto foi abandonado. Em 1968 a SUDAM criou um programa chamado PROHEVEA, que tencionava mostrar aos empresários regionais, em pequenos módulos a beira das principais rodovias, as vantagens do sistema de produção de seringueiras com a utilização das mais recentes inovações tecnológicas.

Finalmente, em 1972 foi lançado o mais ambicioso e arrojado programa de produção de borracha natural no País. Denominado Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural – PROBOR, sua execução foi atribuída à Superintendência do Desenvolvimento da Hevea – SUDHEVEA, criada em 1967, e objetivava tornar o País autossuficiente em borracha natural, até meados da década de 80. Baseado em programas de fomento, crédito, assistência técnica, capacitação de mão-de-obra, desenvolvimento e distribuição de material botânico, o Programa estava submetido ao Conselho Nacional da Borracha – CNB, seu órgão normatizador. Motivos diversos, como grandes distâncias dos centros consumidores, falta de infraestrutura para a implantação dos projetos e escoamento da produção e, principalmente, a ocorrência de pragas e doenças de difícil controle, levaram ao término do Programa em sua Fase III, em 1990. Durante os 18 anos de sua vigência, foram gastos cerca de um bilhão de dólares de recursos públicos e aproximadamente a mesma quantidade de recursos privados, perfazendo um total de dois bilhões de dólares! Neste período foram plantados 216 mil hectares sendo que apenas a metade se encontra em produção (IAPAR, 2000). Este parece ter sido o golpe de misericórdia da produção de borracha na Amazônia

Em 2011, a produção mundial de borracha natural foi de 10,9 milhões de toneladas. O consumo, ao superar a oferta, tende a elevar seu preço. O Brasil consumiu, em 2011, um total de 370 mil toneladas e produziu 142 mil toneladas, em 130 mil hectares plantados. Assim, importou 240 mil toneladas, no valor de US\$ 1.101.300.000,00. Os estados maiores produtores são: São Paulo (58,2%); Bahia (14,2%); Mato Grosso (8,7%); Espírito Santo (4,4%); Goiás (4,1%). O saldo dessa história de 163 anos de produção de borracha na região amazônica, berço da borracha natural, é lamentável: ela contribui com míseros 3,3% do total produzido no País (ROSSMAN, 2012).

REFERÊNCIAS

CAMARGO, C. F. **Análise do acervo de Fordlândia e Belterra**. Relatório Técnico (apresentado ao Departamento de Agricultura das Nações Unidas). 1946

DEAN, W. **A luta pela borracha no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989. 296 p.

EMMI, M. F. **Estrutura fundiária e poder local: o caso de Marabá**. Belém: NAEA/UFPa. 1985 (Dissertação de Mestrado).

GOVERNO DO PARÁ. **Album do Estado do Pará: oito annos do governo (1901 a 1909)**. Paris: Imprimerie Chaponet. 1909. 350 p.

GRANDIN, GREG. **Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Rio de Janeiro: Rocco. 2010. 297 p.

IAPAR. **Cadeia produtiva da borracha natural: análise diagnóstica e demandas atuais no Paraná** / Jomar da Paes Pereira et ai. Londrina: Instituto Agrônômico do Paraná, 2000. 85p. ilustr. (IAPAR. Documento 23).

ROSSMANN, H. **Mercado da Borracha Natural**. São Paulo: APABOR. 2012.

WOLF, H. & RALF, W. **Ruber: a story of glory and greed**. New York: J. J. Little and Yves Company, 1936. 442 p.